

Perla



Coleção Archiboldi
Roberto Videla

Perla

Tradução
Diogo de Hollanda

© Roberto Videla, 2018 (robvidela@gmail.com)
© Papéis Selvagens, 2018

Coordenação Coleção Archiboldi
Rafael Gutiérrez, Antonio Marcos Pereira, Rodrigo Rosa

Tradução
Diogo de Hollanda

Revisão
Brena O'Dwyer

Capa, projeto gráfico e diagramação
Ana Vizeu

Ilustração do autor na orelha
Melissa Mendes Vogelgsang

Conselho Editorial
Alberto Giordano (UNR-Argentina) | Ana Cecilia Olmos (USP)
Elena Palmero González (UFRJ) | Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)
Jaime Arocha (UNAL-Colômbia) | Jeffrey Cedeño (PUJ-Bogotá)
Juan Pablo Villalobos (Escritor-México) | Luiz Fernando Dias Duarte (MN/UFRJ)
Maria Filomena Gregori (Unicamp) | Mônica Menezes (UFBA)

Obra editada no marco do Programa “Sur” de Apoio às Traduções do Ministério de Relações Exteriores e Culto da República Argentina.

Obra editada en el marco del Programa “Sur” de Apoyo a las Traducciones del Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto de la República Argentina.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

V652p Videla, Roberto, 1948-
Perla / Roberto Videla; tradução de Diogo de Hollanda
Cavalcanti. – Rio de Janeiro (RJ): Papéis Selvagens, 2018.
60 p. : 16 x 23 cm – (Archiboldi: v. 2)

Título original: Perla
ISBN 978-85-92989-15-6

1. Ficção argentina. 2. Literatura argentina - Romance.
I. Cavalcanti, Diogo de Hollanda, 1978- II. Título. III. Série.
CDD Ar863

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

[2018]
papeisselvagens@gmail.com
papeisselvagens.com





A última vez que a viu
não sabia que era a última vez que a via.
Por quê?
Porque estas coisas nunca se sabem.
Então não foi gentil nesta última vez?
Sim, mas não o suficiente para a eternidade.

Vivian Lamarque

¹ "L'ultima volta che la vidi non sapeva che era l'ultima che la vedeva./Perchè?/Perchè queste cose non si fanno mai./Allora non fu gentile quell'ultima volta?/Sì, ma non a sufficienza per l'eternità." [N.T.]



ÍNDICE

Calçada	11
A casa	19
Sesta	24
1	24
2	26
3	28
4	29
Tarde	30
Rio	32
A tempestade	34
Tardinha	35
O grupo	38
Mapa	40
Alarme	44
Noite	46
Perla	49
Voltar	51
Quatro notas sobre Perla	
Nora Avaro	54



Calçada

Volta como partiu, andando devagarinho. Vou ao dentista, são duas quadras, não precisa vir, disse, e saiu lenta, em plena manhã, olhando bem por onde pisava, pela calçada de toda a vida, para a esquerda, para a casa de Laurita, que já não está sentada na porta para ver os vizinhos passarem, já não faz parte da paisagem de sempre, porque morreu há pouco tempo, cega a tudo, em uma casa de repouso, onde a filha preparou um quarto de fundos só para ela para que não visse os outros velhinhos internados e instalou seus móveis e suas cortinas para que não percebesse que não estava em casa, quando Laurita não podia mais distinguir onde estava, porque não reconhecia ninguém, nem sua filha, não falava e só gemia suave.

Mamãe, Perla, Pili, Perlita, está vestida com uma calça de pano e uma blusa folgada de cor pastel, usa sapatilhas creme, os saltos não muito altos que sempre usou agora a deixam insegura. Me parece menor, mais magra, como se encolhesse lentamente. Também diminui na distância, à medida que se afasta. Sabe que estou olhando: avança os primeiros metros segura e com graça mas não consegue suportar a tensão nem a vontade e desacelera de repente, abaixa a cabeça e se certifica a cada passo de que a calçada não esteja levantada e uma raiz não se interponha em seu caminho. Não quer tropeçar, não quer sofrer uma fratura. Uma fratura é o fim, o começo do tobogã. Sinto que tanto cuidado só pode fazê-la cair, tudo se torna titubeante e impreciso com esses passos que vacilam, tateiam, não se decidem, e de repente se lançam débeis, incertos.

Fico sentado no murinho de pedra, que está ainda quente porque o sol acaba de se esconder por trás do telhado. Vejo ela ir. Eu a seguiria de perto, para ficar atento caso precisasse de ajuda e segurá-la na queda, mas ela não poderia me ver, disse que quer ir sozinha, quer provar para si e para mim que pode andar esses dois quarteirões até o dentista. Não precisa vir, vou sozinha, disse, se quiser vá me buscar daqui a pouquinho, se quiser, se

não tiver mais nada para fazer, mas vou sozinha, não se preocupe, que bom que você está aqui, te amo muito.

O jardim, que dá para o sul sombreado, e por isso tudo custa a nascer, está descuidado, a empregada o regou de galhos com espinhos para os cachorros não entrarem e não fazerem sujeira, os poucos gerânios que restam estão desolados e raquíticos, só o jasmim está bonito, parece uma árvore pequena. A persiana da sala está meio torta, nada grave, quase não dá para notar. Na varanda dos quartos do primeiro andar, voltada para a rua e quase nunca usada – há anos as persianas não são abertas –, a madeira do parapeito está podre, há um pedaço pendurado, comido pelo tempo e pelos cupins. Alguma vez esteve coberta de heras e era reino de escaramuças e guarida de bichos. Agora é despojo.

O último gato com quem construí uma amizade duradoura, à qual fomos fiéis mesmo eu indo apenas uma vez por ano, e às vezes menos, era um cinza com patas que pareciam botas brancas; mal ouvia o chamado, surgia e se aproximava vindo do terreno baldio ao lado, uma casa cuja construção foi interrompida há anos por problemas de sucessão, ninho de ratos e pombas. Agora fico sabendo que meu gato amigo morreu há pouco tempo: uma senhora que cuidava dele o encontrou ferido, com o pescoço aberto por uma mordida ou um chute ou uma pancada, e o veterinário não pôde fazer nada. Talvez outro gato, talvez uma brincadeira de crianças cruéis. Uma brincadeira de crianças, que são cruéis.

A calçada é larga, limpa, brilhante. O cuidado que lhe dedicam minha mãe e a empregada, Ana, que vai três horas por dia menos domingos e feriados, mostra a vontade de parecer que está tudo bem, que nada mudou, que a casa está igual a quando era habitada pela família inteira: o pai a mãe a avó os três filhos. Os mosaicos são de uma cor difícil de definir, um amarelo mostarda. As árvores cresceram muito, dão sombra. Mudaram-nas – a prefeitura – faz um bom tempo. Antes eram acácias, de flores brancas em cachos que eu gostava de comer, agora não sei o que são. Neste rincão tão atípico de Mendoza, sem perfil de montanhas, longe da pré-cordilheira, plano, seco e desértico, anos e anos de cuidado conseguiram instaurar um oásis que torna possível a vida. A região é toda assim: um vergel resgatado do salitre. Mas as

valetas, muito grandes, estão obstruídas e secas. Já não corre água por elas, não consigo entender como é a irrigação.

Estou sentado neste murinho baixo de pedra quente onde me sentei sempre, desde menino, desde os cinco anos, quando nos mudamos para cá saindo da casa da esquina, onde estava o primeiro lar, o que tinha um poço no qual se escondia o gigante Tipitón, o bicho-papão que assombrava a mim e meus irmãos. Sentado, quieto, sinto atrás de mim a casa, que respira e me espera, fresca. A rua, que certa vez foi de terra, é muito barulhenta. Passam os ônibus que partem do povoado, as 4x4 reluzentes dos agricultores enriquecidos, as caminhonetes velhas e cambaleantes, as motos, muita gente de bicicleta, bicicletas velhas com cestos e ciclistas relaxados, sentados para trás, sem pressa, a bunda muito apoiada. Todo mundo que está de bicicleta anda desse jeito, despreocupado, como se jogasse um videogame banal, em meio ao barulho que os motores produzem no asfalto feito um tubo de ensaios de nível de decibéis.

Já não passa o caminhão-pipa com aquele cheiro de chuva, mato, bosta de cavalo; as árvores, além do mais, cresceram tanto que escondem o horizonte ao sul, na frente da casa, de onde espiava com meus irmãos – atrás das janelas, por via das dúvidas – as tempestades que se precipitavam. Também víamos estourar no céu de chumbo – e segundos depois ouvíamos o estrondo – os foguetes russos lançados por aviões – os Piper – para dissolver as nuvens de granizo. Sim, foguetes russos, dirigidos para o coração das tempestades. Não entendíamos o processo: como era possível comprar armas russas?, não estávamos meio ou totalmente brigados com os comunistas?, será que essas bombas também serviam para matar gente?, os russos são mesmo os maus?, o que é uma cortina de ferro?, é uma cortina de ferro, mas como pode uma cortina ser de ferro? Era uma batalha no céu. Às vezes ganhavam eles, os foguetes, a tormenta se esfiapava e ficávamos agitados, meio contentes, meio frustrados, e às vezes ganhava Deus, o céu desmoronava e, se não caía pedra, saíamos como loucos para correr sob a chuva gritando que chova que chova, a bruxa está na cova, os passarinhos estão cantando, a bruxa se levanta.

Não posso me ver sentado aqui, não consigo me ver como me veem

as pessoas que passam, a pé ou de carro, pela rua. Sou parte deste mundo embora já não seja: o nó de lembranças, heranças e sangue está intacto, embora aos doze anos já tenha me afastado – ou tenham me afastado – para cursar o secundário a trezentos e cinquenta quilômetros e, em seguida, a universidade, a setecentos e cinquenta. Depois, sem querer e quase sem saber que seria assim, fui ainda mais longe, a milhares e milhares de quilômetros, e voltei após dez anos.

Agora vim à terra natal por uns dias, faz tempo que não apareço, que não estou presente. Mudou tudo e tudo continua igual, embora já não conheça ninguém. Quem passar, a pé ou de carro, verá um senhor maduro, um velho – me custa tanto escrever isso de mim – sentado ali, na calçada da Perlita, a que fez nascer metade do povoado, a parteira mais querida das três que havia. Outra parteira era a Pilar, mãe da Pety, uma amiga, e a outra não me lembro, talvez fossem apenas duas.

O ônibus levou a mesma quantidade de horas que há quarenta e cinco anos. Entra em todos os povoados perdidos e planos da planície desértica do sul de San Luis e Mendoza: Vicuña Mackenna, Realicó, Unión, Huinca Renancó, Bowen. Sobe gente dormindo de madrugada, outros descem cambaleando entre besouros que voam e cobrem o chão, luzes de neon e um céu de estrelas como nunca mais se viu. O ônibus todo cheira a urina e café derramado, todo ele ronca. O ar-condicionado funciona a mil, congelando todos os passageiros, que se cobrem com o que têm ao alcance. Se está chovendo, a água entra pelas janelas do frescão aparatoso e mastodôntico, velho, malcheiroso, destrambelhado.

Amanhece, uma luz fria e nítida. Depois do deserto vê-se a linha de álamos prateados no horizonte que, meio dormindo, eu esperava com ansia, medo e alegria, como toda vez que chegava a minha casa. Medo, desde que eu tinha coisas a esconder. Agora não há nada a esconder, creio, mas a sensação é a mesma. É Bowen o que indicam as fileiras de árvores que protegem as lavouras, as videiras, os pomares. Falta pouco, meia hora. O ônibus sai da estrada e entra no vilarejo por uma nova avenida cheia de álamos ainda pequenos, com um monumento terrível no começo, talvez uma virgem moderna estilizada, pura curva e concreto, talvez um Cristo, são todos parecidos. Casas pobres, misturadas com chalés extravagantes de novo rico.

Nos jardins floridos se retorcem ferros-velhos oxidados, pneus desventrados, cachorros amarrados, galinhas, perus. Nas casas ricas há cervos, cisnes ou leões de gesso, em estátua ou relevo, às vezes em tamanho natural. No terminal um senhor já idoso espera, vestido de gaúcho, de chapéu de aba larga, lenço no pescoço e alpargatas. Ao lado dele um casalzinho adolescente dá um beijo de língua. Estão indo para a recuperação, penso, porque as aulas ainda não começaram. São beijadores exímios.

Mamãe Perla está me esperando, minutos depois, na estação de Alvear. Já estou de pé, ao lado da porta. Me ajeito um pouco. Vejo-a de longe, me reconhece através da janela. Estamos habituados a nos rastrear nos ônibus, nossa vida esteve cheia de despedidas e chegadas. É cedo, faz frio a esta hora, depois o dia ficará mais quente e virá um calor seco e violento. Por que você veio?, pergunto. Não custa nada, me diz, como não poderia vir esperar meu filho mais velho? Me parece cansada, pálida. Tem noventa anos, recém-completos. Apoia-se no meu braço com pudor, como se aceitasse apenas que fosse eu que precisasse do seu braço, para caminhar os cinquenta metros que nos separam de casa. Não pode acreditar que a viagem tenha sido horrível, para ela é tudo bonito quando nos aproxima. Tem que ser bonito.

Vejo-a, está voltando do dentista, a cem metros, pela metade da outra quadra. É minha mãe, sim, é ela, reconheço. É e não é: nesses tempos seu rosto muitas vezes parece uma máscara amarga. Ela, que sempre foi sorridente e controlou suas emoções mais escuras, das quais sempre surgia iluminada, agora cerra a mandíbula e os olhos se entristecem. Nota-se o esforço que faz para se recobrar dos pensamentos tristes. Antes não dava para notar, era como se não existissem. Conseguia dissimular, reservar-se. Não tínhamos por que nos preocuparmos com ela.

Vem devagar, como saiu, pelas calçadas irregulares. Todo deslocamento é perigoso. Pego o celular e quando ela está a uns cinco metros faço uma fotografia. Não sorri. Senta-se a meu lado, cansada. Pronto, diz, menos mau, me consertaram duas besteirinhas, oitocentos pesos, setecentos e noventa, não importa; depois te dou e você vai lá pagar, todos os filhos se formaram em odontologia, e agora o pai dentista montou o consultório e deixou para eles, uma graça, precisa ver.

Os Ayassa, que moravam em frente, lembra, coitados, morreram, o

filho não, agora é jornalista esportivo em Los Andes. Olho para a loja que me aponta; a casa ficava atrás e lembro que uma vez no pátio, um pátio seco e sem plantas, o Eduardo, que era um pouco mais velho do que eu e de quem eu não era amigo, queria me ensinar a mijar longe, o que me inquietava e me deixava curioso. Nessa noite contei a meus pais sobre nossa brincadeira, e ela nunca mais se repetiu. Os pais criam redes de proteção silenciosas entre casa e casa, alertam e decretam os limites, os castigos, mas a delação inocente não é passível de punição. Procuo Eduardo no jornal, saiu uma matéria dele com sua foto: um senhor de cabelos brancos, gordinho e bonachão. Deve ter quase setenta. O pai, o senhor Ayassa, era eletricista, conservava tudo em casa. Agora há um ateliê de molduras, do filho da Lía Ferraro, lembra da Lía, aquela de olhos bonitos como os de Elizabeth Taylor, olhos turquesa, talvez grandes demais, porque na cidade a água tem pouco iodo. Lembro da filha, belíssima, com olhos da mesma cor que os da mãe, mas bem mais normais, porque as pessoas já estavam informadas e supriam a falta de iodo com comprimidos e tratamentos especiais da água. Me lembro também do riso de um dos filhos de Lía, da sua pele de maçã; era sardento, a boca grande muito vermelha, os cílios escuros, a cor estranha dos olhos, os dentes muito brancos. Como será agora? Tem a minha idade, dois anos mais jovem, se é que está vivo e é o mesmo do ateliê de molduras. Eram vários irmãos. Espio um que sai, fecha e põe um cadeado na porta, entra numa 4x4 e vai embora. Um senhor gordo de cabelo branco. Não sei se é ele, já passou tanto tempo. Também não quero cumprimentá-lo, teria que me aproximar, tentar descobrir se nos conhecemos, se é ele e se lembra de mim. Não tenho vontade, cortei os laços com este lugar, não venho quase nunca, não gosto mais de ficar aqui, insisto em dizer para mim mesmo.

Em frente estão os Baciluk, sempre com o grande portão de metal bem fechado. E ao lado esses outros, que mandaram construir uma casa muito bonita nos fundos; para essa que está passando emprestei uma vez cem pesos, você acha que devolveu?, além de não ter devolvido, agora nem sequer me cumprimenta, essa estúpida, mas o que acontece com as pessoas?, e fecharam o hotelzinho ao lado, viu?, não funcionava, nunca funcionou, era para viajantes ou caminhoneiros, e Cata, coitada, finalmente morreu, é que não podia mais se mexer, passou os últimos anos na cama e em cadeira de rodas, que destino, a Martita vem de vez em quando do sul para ver como vai a casa; o Luisito eu vejo sempre, é meu quarto filho, falo isso e ele dá ri-

sada, é minha companhia, o que faria sem ele?, é meu amigo, meu filho, ah, hoje vem almoçar; abriram lá um sacolão, mas não consigo achar pêssegos gostosos, este ano não tem, uma pena, como gosto dos pêssegos japoneses, aqueles achatados, e como vocês gostavam, mas agora não se acham... a Teresa morreu, pobre Teresa, lembra daquela vez que ela foi comigo se despedir de você no trem, domingo, você ia para o colégio, e alguém se aproximou para me cumprimentar e me disse que eu estava bonita, sempre tão jovem, e se a senhora ao lado era minha mãe, me senti tão mal, que vergonha, queria desaparecer, que feio da parte desse sujeito; a filha mais velha voltou, estava tão zangada com a família, ninguém sabe por quê, e a mais nova desapareceu, também se zangou com os pais, foi embora da cidade, foi para La Plata ou coisa parecida, nunca mais se soube nada dela, o Raulito casou, tem vários filhos, acho que está muito doente, creio que câncer, talvez já tenha até morrido, uma família de fora comprou a casa, trocaram todas as telhas, puseram essas escuras e achatadas que os granizos não conseguem quebrar, são lindas, trocaram os assoalhos, tudo, se você visse como ficou bom.

A casa de que ela fala está totalmente fechada, como se não morasse ninguém nela, embora vários carros estejam estacionados em frente. É uma casa quadrada, grande, sem graça, limpa, gradeada, de telhas esverdeadas. Antes, no interior, na penumbra dos espaços quase inutilizados do salão, brilhavam apenas os pés das luminárias de bronze, as porcelanas baratas com ninfas francesas, os castiçais desfalcados dos lustres – sempre faltava algum –, os porta-retratos dourados, os tapetes persas desgastados que nunca pegavam sol, como em toda casa de classe média deste lugar jovem e sem história, um povoado de 1905.

O Raulito era muito amigo meu, estávamos sempre juntos, quando não o via pensava na lista de coisas que ia contar para ele: tinha comprado o disco de que eu gostava tanto, do filme *Verão violento*, tinha lido isto ou aquilo. Uma vez meu avô me disse que não se devia andar de braço dado com os amiguinhos, que isso não pegava bem, e não entendi por quê. Isso não se devia fazer, eu mesmo percebia, embora não achasse palavras que explicassem o proibido. Era aquilo de que não se fala, igual ao título de um filme sueco que passavam de vez em quando, às quartas-feiras, uma espécie de manual em preto e branco de algo impreciso e misterioso, com jovens louras e nuas, uma delas chamada Helga. Ou *Helga* era outro filme, também nórdico, que falava de aborto, que eu nem sabia o que era.

Não resta nenhum amigo, todos se foram, não conheço ninguém, digo para ela. Eu também não, diz, e se ofusca. Todos morreram ou estão morrendo, acrescenta. Nesse instante, uma mulher que está passando para e diz, com um fio de voz: Ai, Perlita, que ótimo ver você, como você está bem, sempre tão bonita, sempre igual, há tanto tempo, você fica pouco por aqui, viaja muito para ver seus filhos..., meu marido já partiu, não fazia exames, não ia ao médico, e quando descobriram o que tinha já era tarde demais, e veio junto com a morte do meu filho naquele acidente, aos trinta e cinco anos, deixando a mulher e suas duas meninas. Fala muito, sem parar. Um rosário de mortes e penas. Minha mãe não tem mais resistência diante de tanta desgraça. Sorri amável, mas fica tensa e irritada, o que me surpreende: ela não era assim. Quer cortar a conversa, quer que a gente entre, mas a mulher não faz nenhuma pausa. Nesse momento um casal se aproxima. Ambos velhos, cheios de vitalidade. Cada um leva um colchonete, uma esteira. Vamos para a ioga, nos faz bem, tem um monte de mulheres e eu sou o único homem, a gente se sente melhor entre tantas meninas – a mulher dele ri –, vocês têm que experimentar, a ioga faz muito bem na nossa idade. Ri, desdentado, e seus pequenos olhos azuis brilham no rosto mal barbeado. Tem um sotaque quase perdido; são alegres, simples. Eram os que cuidavam do meu sítio, desde que chegaram, novinhos, da Espanha, há tanto tempo, diz a mulher da voz fininha. Ah, faz tanto, tanto tempo, dizem eles. Não há muito mais do que falar. Se despedem. Penso que na verdade nem todos morreram neste lugarejo do far west, que se ficássemos sentados mais alguns minutos se formaria uma reunião, uma verdadeira assembleia de velhos sobreviventes. Dou risada, conto por que e ela ri também. Vamos entrar, diz Pili.

A casa

Não ligamos o alarme, né?, me diz, para quê? É de dia, e você está aqui... Está com fome? Não, está muito cedo, respondo. Arrasta os pés, com esse barulho de grilhões de pano que os velhos produzem, não entendo como ela não percebe, mas não quero dizer nada, vai se sentir culpada. A casa está fresca e escura. Não sei onde ficar, não tenho vontade de me jogar numa poltrona e ler, e as cadeiras da sala de jantar são muito retas. Por fim me sento numa delas, mas mal posicionado: é difícil ler o jornal, as cortinas estão desbotadas e gastas, a luminosidade do pátio me cega. O jornal é como quase todos os jornais do país: mistura de província, má redação, insignificância, solenidade, lugares-comuns, quinquilharias com leves toques pornográficos. Se esgotam em um instantinho e o dia volta a se estender intacto. Pili se senta em frente, põe os óculos e começa suas palavras cruzadas. Você está bem? E suas coisas?, pergunta, ansiosa. Sabe que algo não vai bem, em mim, nela. Não insiste, talvez se me exigisse contar o que se passa comigo eu poderia falar, encontrar as palavras que deem sentido ao que estou vivendo.

O que estou fazendo? O que vim fazer? Nada, não faço nada, estou entediado, mal sentado, fazendo de conta que leio, enquanto a casa vai me envolvendo com seus fios de seda. Teria que falar com ela, a espio enquanto consulta diferentes dicionários para resolver as charadas: grandes e pequenos Larousse, sinônimos e antônimos, enciclopédias. Também há canetas, lápis, borrachas, corretor branco para apagar erros. Quero dizer que não pode viver só, que já tem noventa anos, que está bem, é forte, lúcida, mas que está mais cansada, que já não é a mesma, mas quem é o mesmo de antes?, que não se pode viver só nessa idade, mas a verdade é que ela mora sozinha e vive bem, que não tem como subir vinte vezes essa maldita escada para ir ao quarto ou ao banheiro, mas ela sobe, com esforço, mas consegue. Mandou colocar um corrimão na parte da escada em que faltava. Faz alguns anos, depois de uma queda na rua que parecia sem consequências, de re-

penete, ao levantar-se da mesa, a perna esquerda falhou e ela acabou caindo: fraturou a fíbula, uma fissura oculta que se abriu. Foi uma fratura simples e não teve consequências, mas durante um bom tempo da recuperação – me contaram – ficou sozinha em casa, com a perna engessada, subindo e descendo a maldita escada sentada, de bunda, escorregando e pulando os degraus até alcançar o andador, que deixava embaixo.

São as escadas dos seus suspiros. Desde criança pude senti-los. Quando ela subia para procurar alguma coisa, quando ia dormir, quando descia, logo depois de nos ajudar a trocar de roupa, ou antes de ir ao cinema ou jantar com os amigos, quando voltava de fazer um parto na maternidade dos fundos da casa, ou quando voltava de fazer o parto das mulheres dos ferroviários – era a parteira do sindicato – nas casas isoladas das áreas rurais, suspirava fundo antes de chegar ao patamar de descanso, em um degrau especial, aquele que desatava o suspiro, e o Ahhhh ressoava devagar pela casa inteira. Não era triste, não é triste, embora soe um pouco a cansaço. É como uma fórmula: algo já foi feito, outra coisa está por começar. É uma ponte, um sinal. É o mesmo que solto agora, herdado dela, tornado meu, sem perceber.

Não sei se tenho que dizer alguma coisa. Ela sabe que resta pouco tempo, que qualquer passo mal dado significa o fim, mas não posso dizer isso, não cabe a mim, ela tem que escolher o que fazer, e a escolha só pode se dar quando as coisas acontecem e obrigam, dobram, impõem. Tenho que resolver isto, não posso me calar, tenho que achar a maneira de falar, de dizer o que sinto, esta confusão, mas não tenho o direito de transmitir minhas próprias complicações e meu medo, porque me pertencem. Medo da doença, da velhice, da dor, da solidão. Meus medos. Ela é que poderia me dizer alguma coisa, porque ela me vê como sou, já velho. E então não sei como eu reagiria, se fosse ela que de repente me falasse e me aconselhasse. Levanta o olhar, vai falar. Não o faz. Sim. Você ia falar alguma coisa?, pergunta. Não, nada. Me assusto. Ela é mais valente do que eu, ela vai dar o primeiro passo, cabe a ela, é minha mãe, é a vez dela, poderemos falar, abrir essa ferida, deixá-la sarar.

Talvez não tenha vindo para lhe fazer companhia, vim para que me acompanhe, para que não me deixe só. Uma mãe é isso: quem tudo pode, quem abriga, acalenta, toma a temperatura, esfrega o peito com pomadas. É quem cura, quem pergunta, quem diz, quem adivinha. Se não é assim, para que é mãe? Não pode estar tão velha para me deixar tão só, não pode me

abandonar, não mereço, sou seu filho mais velho, a quem, quero crer, sempre preferiu. Tem que se preocupar comigo. Não viu que minha roupa está amarrotada pela viagem, não me perguntou o que quero que lave, não me mostrou qual é a toalha que devo usar nestes poucos dias que passarei com ela.

Sim, comprou coisas, xampu, pasta de dente, comida, frutas, vinho, pediu um frango assado com batata frita, fez que a empregada preparasse ovos recheados que enfeitou com tirinhas de pimentão e que ficaram mal arrumados, muito pouco simétricos, recheados de forma desigual, desalinhados na travessa do jogo de porcelana mais bonito. Como suas mãos tremiam um pouco, ela instruía a empregada sobre como dispor os ovos e Ana fazia o que podia, sem conseguir ajeitar as coisas. As rodelas de presunto cru também estavam enroladas sem graça, de qualquer jeito. Ela olha para a travessa e diz não, não ficou bom como devia, mas enfim....

Isso, aí está o problema: ela se conforma, aceita, antes jamais teria deixado essa travessa assim imperfeita. Teria se aplicado e resolvido. Agora não se preocupa que as coisas saiam bem. Tem o impulso, mas não o sustenta: abandona, solta, deixa ir. Se resigna, com pena, mas rapidamente esquece e se desinteressa. No fim das contas, o que importa é o sabor, na boca tudo se mistura. O recheio é sem graça, o presunto salgado, o frango da rotisseria de confiança é saboroso mas leva chimichurri em excesso, alho além da conta. Não é mais a comida de minha mãe ou de minha avó, as únicas que contavam e contam em minha vida. Os pêssegos são gostosos.

Na cozinha da minha infância, durante a manhã inteira, reinava vovó Dora, sentada em um banquinho de madeira ao lado do fogão, remexendo de vez em quando o cozido, os guisados e ensopados, que cozinhava muito lentamente, conseguindo que a carne ficasse macia como manteiga – se desfazia na boca – e os molhos saborosos, densos, fortes. Secava os óculos, embaçados pelo vapor, com um pano de prato ou com um lençinho – o fogão borbulhava – e bebia mate doce, usando uma pequena cuia de metal, azul com pintinhas brancas, que ainda deve estar no fundo das gavetas dos talheres, gavetas forradas de papel encerado. Às vezes, enquanto os netos, curiosos, mexíamos em tudo, atraídos como por um ímã até a cozinha, ela nos ensinava duas palavras em guarani – tinha morado no norte, em um engenho –, nos contava da vez que viu um jaguar, um yaguareté, deitado

no meio do caminho por onde ela andava na selva, nos permitia molhar um bom pedaço de pão no molho, nos perguntava séria – mas sem nos levar muito em conta – o que estava faltando ou sobrando. Às vezes nos preparava um mate com leite e muito açúcar, ou nos dava as panelas ainda mornas para que raspássemos com as colheres e os dedos o creme de baunilha ou o creme branco que ficava colado no fundo, ou nos dava garfos para formatar os nhoques ou aquele aparelhinho com rodinha para separar o ravióli, ou xícaras e moldes para arredondar tortas e empanadas. Eu gostava de molhar o dedo em uma xícara de água morna e apertar as dobras do fecho das empanadas. Depois minha avó distribuía facas para que raspássemos a farinha que secava no mármore da bancada, onde tinha estendido a massa.

Minha mãe não cozinhava, estava sempre na sala de partos ou tinha ido às casas das parturientes. De vez em quando dava uma voltinha e tomava rápido um mate, em pé, conversando com sua mãe sobre o dia a dia. Minha avó administrava a casa, as compras, as contas, decidia o que iríamos comer e o que fazer de mais leve para o jantar.

Rastreei o sabor de sua comida em todas as cozinhas do mundo que conheço, sem encontrá-lo: tentei sem êxito – embora tenha chegado perto uma vez, anos atrás, fazendo esmeradamente uma torta de carne para meus amigos italianos em uma tórrida noite em Verona – reproduzir esse sabor especial. O único momento em que ele me chega, único, preciso, preservado, perfeito como uma carícia violenta, é quando minha mãe cozinha. Acontece muito de vez em quando, mas então ela mistura as especiarias, ajusta o tempo de cocção e de habilidades como se fosse sua mãe e me dá de presente o perdido, o que precisava sentir.

Nitrato de prata... Arquétipo, modelo, icônico... Perla faz as palavras cruzadas, charadas, o diagrama literário, etc. Me pergunta mas é como se falasse consigo mesma, porque acha as respostas imediatamente, antes mesmo que eu possa sequer levantar a cabeça. Não quer que a ajude, na realidade quer se bastar a si mesma. Conhece termos impossíveis, variações castiças, modismos do Rio da Prata, cidades muradas, armas medievais, pistilos e néctares, imperadores romanos, líderes ortodoxos, a lista dos papas, batalhas e cortesãs. Recorre a mim muito de vez em quando, ao topar-se

com verdadeiros problemas ou para me abrir um espaço: a frase que tem que ser feita não soa bem, deve ser um erro de quem elaborou o jogo. Então percebo que foi ela que errou, que riscou duas vezes a sílaba, que trocou uma das linhas e, portanto, tudo se alterou e se desordenou. Erros leves, pela pressa, pela excitação. Pela idade. Quando termina diz pronto, mas sem alívio, sem alegria, como se lamentasse não contar mais com esse momento de distração. Igual a mim: quando saio do cinema, depois de ter demorado para ver um filme, ou quando termino um romance adiado, digo: Pronto, um a menos. Como se descreve o gesto que se faz com as mãos, quando algo está pronto? Esfregar, bater, sacudir? É uma ida e volta, um golpe de raspão. Não há maneira de explicar isso e nem sequer um som. Pronto.

Sesta

1

Quer um café?, pergunta. Guarda tudo, tem que lavar e enxugar, nada pode escorrer sozinho. Organiza, arruma. Leva os dicionários a seu lugar. É a hora da novela. Assiste a várias de tarde, na hora da sesta. Me conta, dá as informações essenciais: fulana é a mãe da moça, mas a verdadeira mãe é a empregada, a malvada se apropriou do bebê, porque no mesmo dia tinha dado à luz uma outra criança que foi roubada ou que nasceu defeituosa, etc., Elisa está desaparecida, pouco depois aparece morta, estava apaixonada pelo padrasto, talvez ele a tenha sequestrado. Faço perguntas e brincadeiras bobas: Elisa está viva e enclausurada em um convento, com amnésia, foi um caso de autossequestro místico, se autoimolou, o padrasto é seu irmão gêmeo... Demora a perceber que estou caçoando das histórias, às vezes carece totalmente de senso de humor, mas quando se dá conta ri, sem rancor nem entusiasmo. Para ela é um mundo sério, acompanha-o com interesse, me comenta os bastidores, mas quando tem que viajar abandona as histórias sem se preocupar em saber o destino final dos personagens ou de que forma Elisa sai do túmulo.

Quando se deita para a sesta liga a televisão, sintoniza a novela, ajusta o volume muito baixo, assiste dois segundos e quase instantaneamente adormece. Me refugio ao seu lado, me aproximo e quase encosto nela, sinto seu calor, deslizo para baixo, ponho meu travesseiro sobre seu ventre, cuidando para não tampar a tela e não fazer muito peso. Me sente entre sonhos, toca meu cabelo, o acaricia, diz como é macio, igual ao da minha mãe – estou certo que nesse momento seus olhos umedecem, como toda vez que diz o nome dela – e dorme novamente. Permaneço ali, com sua mão quieta. Não há lugar melhor no mundo do que este aqui: tudo redondo e certo. Agora, enquanto escrevo, posso sentir exatos o peso e a qualidade do

seu toque, a suavidade dos seus dedos, minha respiração, minha calma. É como quando acariciava meu gato. Mushkin já morreu há muito tempo, mas posso sentir – nos dedos? no coração? na mente? – o gesto e a sensação de prazer, quietude e paz que nos envolvia: eu sentia o seu sentir.

Durmo embalado pela sua carícia interrompida. Sonho com Anita, a empregada mais querida de todas que tivemos quando crianças na mesma casa grande. Será que todas se chamam Ana? Está limpando a sala de jantar, jovem, esbelta, vestida com uma blusa branca e uma calça preta. Varre, passa o espanador nas prateleiras. Minha mãe me contou, algumas horas antes, não no sonho, que Anita morreu há pouco tempo, que ficou triste ao saber disso quase que por acaso, quando perguntou por que ela não vinha mais cumprimentá-la, como costumava fazer de vez em quando. No sonho penso: Anita, vejo você, aqui e agora, mas você morreu, você não sabe, mas eu sei que você não está mais viva, não vou contar porque é triste, mas eu sei, e é estranha esta confusão de futuro e presente em que vejo você varrendo; isto que eu sei me dá poder sobre você, sobre seus sentimentos, porque como você reagiria se soubesse que está morta? Você se sentiria tão mal... Aparecemos depois em um grande jardim, o jardim de minha casa de sonhos, porque a casa de verdade quase não tem, a não ser um pátio de lajotas e um pedaço de terra chamuscada nos fundos, onde corria alguma galinha que minha avó degolava. Anita rega com uma mangueira muito longa, rega o belo jardim selvagem, as malvas e uns arbustos finos, densos, muito verdes, com flores amarelas delicadas, entremeadas com algumas vermelhas, como em um quadro impressionista. Me conta com sua voz popular que sua gata teve filhotes; quero saber como são, mas não consegue descrevê-los tão exatamente como eu gostaria, não encontra as palavras que quero ouvir, não as conhece, não sabe como dizer. Quero detalhes: se as cores são bonitas, se são peludinhos, se engatinham, se são travessos, se abriam os olhos; pouco a pouco começo a vê-los, ela me mostra os gatinhos brincando, marroms com branco e cinza. Acordo sobressaltado, estremeço e Perla me acaricia a cabeça com força e pergunta suavemente: O que você sonhou? Mas no momento não lembro. Gatos... algo assim, digo. Não lembro que sonhei que estava viva a pessoa que morreu e, quando consigo reconstituir o restante, já passou a hora e não conto mais para ela.

É uma tarde de sonhos. Cabeceio. Fecho os olhos. Chego com minha mãe de avião a uma cidade estranha, talvez Lima, junto a outros amigos.

Na confusão de malas e pessoas, ela consegue um hotel. Temos que subir uma escada estreita até um apartamento em um andar alto, muito precário, labiríntico, de paredes pintadas em azuis, verdes e cinzas, manchadas de umidade; parece estar em uma favela, em uma villa miseria, em um *pueblo joven* limenho; enquanto minha mãe arruma as roupas nos armários sujos, espio os quartos para ver se dormiremos em camas separadas ou em uma só. Ouve-se música e vozes de uma rádio. Começa um tremor, talvez seja um terremoto, embora muito suave, o chão apenas oscila. Não sabemos se correr ou permanecer quietos. Ela me diz que na rádio informaram que o tremor é de grau dois. Talvez chegue outro, em alguns minutos.

As novelas continuam, em um ronrom monótono. Me levanto devagar, creio ser imperceptível, mas Perla acorda e me pergunta aonde vou. Nega ter adormecido, diz que na realidade não dorme nunca, que durante a noite às três já não pode pregar o olho, que então liga a televisão, lê o jornal velho e espera o amanhecer, quando Ana lhe traz o café com leite e duas torradas sem manteiga junto com o jornal novo, o do dia, e que assim consegue dormir um pouquinho mais, até as oito, oito e meia, no máximo.

2

Desço a escada. Tudo está muito quieto e silencioso, em uma penumbra suave. Me jogo para ler na poltrona da infância, onde pela primeira vez senti a possibilidade da morte, ou da perda: estava com minha avó, sentada a meu lado, e olhei seu braço, gordinho, muito branco, arrepiado por uma rede de ruguinhas e pequenas veias azuis e vermelhas entrelaçadas, o braço que eu gostava de sacudir devagar, enquanto ela protestava e resistia, para ver como bamboleava. Tinha um roupão cor de vinho, com desenhos búlgaros brancos, os bonitos cabelos enrolados, muito fininhos e matizados de cinza, e de repente me invadiu a angústia de saber que podia perdê-la, que ela não era para sempre, que em algum momento ela não estaria mais ali comigo. Dei um abraço muito forte nela, que se surpreendeu e talvez tenha entendido o que se passava em mim, embora eu não tenha dito nada. As coisas mais importantes são impossíveis de nomear. Há algo que quero dizer

agora a Perla, a Pili, à minha mãe, algo que não direi a ela, porque as palavras são tão simples que não se podem enfrentar nem segurar, e permanecem ocultas na boca, no escuro.

Esquento um café, passeio pela casa grande, tão quieta na hora da sesta, sem canários, sem gatos, sem cachorro, sem filhos. Tudo está arrumado, igual, desde sempre, mas no consultório de meu pai, que não é usado há anos, e depois que ele se foi de nossas vidas, desapareceram os livros de medicina, a biblioteca, a cadeira giratória de médico, uma vitrine – que sempre quis ter – de vidro e metal. E também não estão mais as pilhas de revistas colecionadas, as edições dominicais. Tudo foi presenteado, foi se desmantelando pouco a pouco em um longo desprendimento de mamãe pelo final espetacular e vergonhoso da separação, quando ele teve que escapar do povoado por receber ameaças de morte dos amigos do marido a quem tinha usurpado a mulher, uma amiga da casa, muito jovem, correligionária, com trinta e quatro anos e unhas muito vermelhas. Ele tinha sessenta e quatro anos, minha idade atual.

Restam uma imprecisa balança velha e duas mesas com os quebra-cabeças que Perlita, ainda há pouco tempo, gostava de montar: uma paisagem campestre, uns gatos, um enorme buquê de flores em tons de lilás. Em um quarto dos fundos, onde estavam os aparelhos de raios x, os aventais de couro e uma maca – que parecia uma mesa de tortura, com tubos de metal em que se apoiavam as pernas abertas e que eu não entendia para que servia – resta somente um tapete enrolado e alguns livros soltos sobre uma cadeira, entre eles um de endocrinologia, onde nas sextas de minha adolescência, enquanto todos dormiam, eu procurava, cheio de culpa, fotos de homens nus.

Em um corredor que dá na sala de jantar, onde me fechava com meus irmãos e apagávamos a luz para que eu o fizesse uivar de terror na escuridão total com histórias de fantasmas e degolados, há uma cômoda com os variados dicionários para as palavras cruzadas, um jogo de talheres – os finos –, brinquedos velhos do tempo em que minhas sobrinhas eram pequenas, muitas caixinhas de fósforos de hotéis do mundo, bolsas cheias de cartões-postais e das primeiras fotos coloridas das viagens dos meus pais: ela com um lenço branco com a Estátua da Liberdade atrás, uma rua de Nova York com os letreiros luminosos da estreia de *Quem tem medo de Virgínia Woolf?*, com os nomes de Elizabeth Taylor e Richard Burton, que me estre-

meciam, os edifícios de vidro de Manhattan, muitas fotos de rodovias, a Casa Branca. Reconheço minha letra em alguns postais escritos no exílio, poucas palavras, alegres, em diagonal. São Marcos e a ponte de Rialto em Veneza, Bérghamo, o Coliseu, a Fontana di Trevi, praça Navona em Roma, Varsóvia reconstruída, o Duomo em Milão, um quadro famoso de Pisanello em Verona.

Não gosto desta palavra: exílio. Fui embora quando os militares ou a polícia ou os comandos civis/militares/policiais da Triple A, a Aliança Anticomunista Argentina, tinham começado a me procurar junto ao meu grupo de teatro. E nesses postais sinto curiosidade e vergonha em ler depois de tantos anos o que escrevi: o tom divertido, tranquilizador, superficial, que não enganava ninguém.

3

O pátio arde de sol, que come as lajotas vermelhas e os vasos de gerânios ressecados. O toldo desapareceu, quase junto à lembrança de ter que erguê-lo duas vezes por dia e esticar as cordas coincidindo com o trilho das roldanas. Sempre odiei essa tarefa obrigatória, que dia a dia demonstrava minha incapacidade para os trabalhos manuais e a estreita relação entre cálculo, força, impulso e eficácia.

O outro pátio, o de trás, atrás da lavanderia e do quarto de serviço abandonado, também arde de calor. Há algumas roseiras curtidas, um galpão vazio, com montinhos de lajotas quebradas, prateleiras vazias, escovões, uma bacia furada, teias de aranha. Tempos atrás era o lugar – um dos lugares – do tesouro escondido da casa, onde remexíamos entre caixas, tubos de luz fluorescente empilhados, painéis, malas e cadeiras desconjuntadas. Nesse lugar, depois de sua morte, encontrei em um baú dois ternos do meu avô, que ficavam enormes em mim, embora me lembrasse dele pequeno e frágil; ternos que usei por um tempo, dobrando as bainhas e levantando o cós das calças com o cinto muito apertado. Ternos de lã que pinicavam muito, um pouco roídos, de xadrezinhos escuros com detalhes coloridos, com os quais me sentia totalmente na moda daqueles tempos, moda retrô.

Muitos anos antes, eu devia ter meus oito anos, nesse pátio nos en-

contrávamos, sempre na hora da sesta, eu e meus irmãos com os vizinhos do lado, os Lillo, e outros que se juntavam, a Cuqui Rapino, a Isabelita, o Guille: eles pulavam o muro de taipa que dividia os fundos e que nessa época não era muito alto, improvisávamos uma tenda precária com papelões e madeiras e, na penumbra, meio escondidos, mas sem o sentido de algo proibido, brincávamos de médico com sala de espera e tudo, a examinar barrigas, fazer cosquinha e aplicar injeções, espetando com força os dedos nas nádegas de meninas e meninos, todos nós excitados, sem desejos nem culpas, pura busca e brincadeira.

4

É estranho que não tenha descido.

Subo devagar.

A televisão sussurra bobagens, o quarto está mais escuro.

Olho para ela.

Não vejo nem sinto que respira.

Permaneço aí, de pé, sem saber o que fazer, sem fazer nada.

Sua boca está aberta, uma mão sobre o peito com o jornal dobrado, a outra mal consegue segurar o controle remoto.

Não quero vê-la desse jeito, tão quieta, longe, só.

Sim, respira. Sim, respira, apenas respira, suave suave.

De repente abre os olhos, olha para mim, sorri, tão jovem, e me pergunta: Onde você estava?

Tarde

A casa se retrai. Em luz e som. É um silêncio forte, composto por tudo que foi perdido, os gritos da infância e os anos do vazio de vozes e de corpos. É uma caixa fechada, voltada para si mesma. Não se ouvem relógios, as coisas parecem aparafusadas ao chão com grampos de veludo. Também a luz se abranda, borra os contornos. Os lampejos do sol do entardecer sobre os carros que passam percorrem a casa velozmente. Iluminam um farol de bronze, estatuetas, cinzeiros pesados de cristal, um busto de Beethoven, bonecas baianas, fotos emolduradas nossas, os filhos, um quadro grande de Perlita, de muito tempo atrás: um retrato que, quando éramos pequenos, nunca soubemos se a refletia como era, ainda que devia ter sido assim, aceitávamos que fosse ela, com um penteado esquisito, um pouco achatado, e um colar de pérolas sedosas e azuladas.

Minha mãe desce com cuidado. Não suspira. Os suspiros surgem quando sobe. Para de repente na metade da escada, olha para a sala e parece adivinhar o que penso que ela pensa: Estas coisas, o que faço com elas?, esse quadro, não sei, quem pode querer?, com qual de vocês vai ficar?, nem sei se gosto dele; e os móveis, teríamos que vendê-los, teríamos que vender a casa, vender, para que tudo isto, repartir tudo, há coisas valiosas, sim, você não imagina, as luminárias, teríamos que consertá-las um pouco, esse quadro não interessa a ninguém, nem a mim, não me reconheço nessa mulher do quadro, os tapetes, tudo isto... não sei o que fazer... *Alfarrobal da minha terra, crespo de vagens douradas, a cuja plácida sombra passou cantando minha infância... Vi árvores gloriosas em outras terras distantes mas nenhuma tão bela como aquelas da minha montanha...* Põe as mãos na altura do rosto, com as palmas na minha direção, e faz um gesto, como para espantar a tristeza. Que bonito... – diz –, é de Olegario Víctor Andrade... não não, é de Ricardo Rojas.

Teria que dizer-lhe alguma coisa, é um bom momento, uma oportunidade de falar das coisas que temos que falar, que são.... Quais são? Fico

Perla

calado e ela vai até a cozinha: Um cafezinho com leite e torradas? O que você estava fazendo? Vi você dormir, dormiu como um tronco, dá para ver que você estava exausto, a viagem... eu quase não fechei o olho.

Ela iluminava a casa ao caminhar, ao avançar as coisas brilhavam. Agora, enquanto vai preparar o cafezinho, é parte da sombra, a voz soa fraca, cansada.

²Algarrobal de mi tierra, crespo de vainas doradas, a cuya plácida sombra pasó cantando mi infancia... He visto árboles gloriosos en otras tierras lejanas pero ninguno tan bello como esos de mi montaña... [N.T.]

Rio

Há muitos anos, muitos, fui uma tarde com Perla e meus irmãos ao rio, a La Olla. Meu pai não devia estar, por isso levamos, quase às escondidas, o carro grande, o Rambler prateado. Na hora da sesta, um horário insólito. Foi uma aventura e tanto. Ela gostava de água, gostava de nadar de costas na piscina do clube ou sentar-se na parte rasa do rio, que corria ao lado. Usava sempre uma touca de natação para proteger o cabelo e, diferente de tantas mulheres, ficava jovem e bonita com isso.

Esta saída é inusitada, para um lugar que conhecemos pouco a alguns quilômetros do povoado, uma represa larga, em concreto, do rio. Meus irmãos ficaram com alguns refrescos de laranja à sombra de eucaliptos e eu e ela caminhamos rio/canal acima. É quase um deserto, esse lugar de jarillas³ e terra ressecada, cheira a aguaribay⁴, a tamarindo. Eu levava seus pés de pato. Uns duzentos metros adiante, ela colocou a touca, os pés de pato, e entramos na água, escorregando pela beirada inclinada de concreto. Era algo que eu já tinha feito antes, sabia ou acreditava que ela poderia gostar disso: seguir a correnteza até uma mureta de pedra, duzentos metros abaixo, onde estavam meus irmãos, um muro tipo um paredão de dique, que barrava a água, a distribuía então aos sítios e criava uma espécie de balneário artificial.

O leito do canal era largo, de uns oito metros, e nos deixamos levar, suavemente, até que de repente percebi que a corrente não nos permitiria sair pelas beiradas, que inexoravelmente nos empurrava, doce e forte, na direção do muro, que agora parecia tão longe. Estávamos encurralados, mas em movimento. Não disse nada, fiquei alerta, nadando muito próximo dela, ou melhor, boiando. Tive medo por Perla, não por mim, não sabia como ela

³ Arbusto típico da região de Mendoza. [N.T.]

⁴ Variedade de árvore pimenteira. [N.T.]

poderia reagir diante de algo tão distante de sua vida, do seu ritmo. Creio que senti a mesma coisa, no exato momento, em relação a mim, porque às vezes sentimos as coisas ao mesmo tempo e da mesma maneira. Me olhou, vi alarme em seus olhos, e disse para ela: Está tudo bem, vamos nos deixar levar, e no final nos agarramos à beirada do muro. Creio que nunca mais na vida consegui adotar um tom tão tranquilizador, sem nenhuma tensão perceptível, uma voz tão direta, calma, simples. Não me respondeu e essa resposta me acalmou totalmente. Se afinou com a voz, eliminou com um impulso da vontade todo medo, anulou o terror como eu propunha, nos acomodamos no fluir, nos abandonamos ao deixar-se levar, até porque não podíamos fazer nada além disso, nos entregar.

Em um instante eterno, eu espiando pelo canto dos olhos para ver o que fazia, o que sentia, chegamos à beirada, nos aferramos pálidos frente à água que nos esmagava intensa contra o muro de concreto e fomos nos deslocando devagar até a beira. Saímos sem dificuldade, sacudimos a água, esfregamos a pele arrepiada dos braços, respiramos, nos olhamos rapidamente, e pronto.

Não dissemos nada a meus irmãos. Também nunca comentamos entre nós o que tinha acontecido, assim como nunca – ou quase nunca – se pode falar do que é mais importante. Mas os dois sabemos que o abismo esteve ali, ao nosso lado, esperando somente que mudássemos de lugar, que nos assustássemos na superfície, que nos enganássemos e déssemos o passo errado, aquele que a morte espera.

Foi uma aventura, sim, uma aventura estranha, estávamos em um lugar pouco frequentado por mim e totalmente alheio em sua vida.

De quem eram aquelas duas cabeças que emergiam da água, aqueles dois corpos arrastados em um rio artificial sob um sol ardente? Quem eram aqueles que, inconscientes, se arriscavam? O que os ligava? Como haviam chegado até ali? Como chegamos até ali? Qual foi a íntima união que tínhamos construído e que nos permitiu sobreviver? E se tudo se houvesse desbarrancado, o que teria acontecido?

Creio que foi naquele momento que nos conhecemos intimamente, sem palavras, soubemos o que éramos um para o outro, que, ao nosso modo, estávamos de mãos dadas.

A tempestade

É hora do banho, no inverno. O aquecedor está a todo vapor dentro do banheiro, que está embaçado, bem quentinho. Os três irmãos tiramos rápido a roupa. Tenho nove anos. A diferença de idade entre nós é de dois anos e meio: nove quase dez, sete e meio, cinco. E nos damos bem. Está quase escuro. Acabamos de fazer os deveres, de brincar. Tiramos nossa roupa aos puxões e amontoamos tudo num canto; trememos um pouco, em pé e nus ao lado da banheira.

Ela abre a água quente, regula a temperatura e, quando sente que está no ponto, tampa o ralo. A água sobe mais devagar do que gostaríamos: somos um punhado de olhos atentos, um monte de pés tamborilando. Quando a água alcança a altura certa, Perlita fecha as torneiras, olha para nós e ordena: Já!

Pulamos dentro, enquanto sua gargalhada nos impulsiona. Ela fecha rápido a cortina de banho, ajustando-a bem contra os azulejos, segurando para a água não sair. Nos enredamos entre nós e começamos a chutar, a chapinhar e gritar como loucos. É a tempestade. Temos direito a ela, de vez em quando. É uma grande explosão, a casa estremece. Quase não podemos respirar de tanta água que respingamos, dos gritos e risadas. Dura pouco, mas é suficiente. Mamãe diz basta, nos lavamos rápido, ela abre a cortina e nos espera, abraçando os três juntos com as toalhas coloridas.

Tardinha

Cai a luz nessa sala de jantar, que após a sesta fica sem sol, tampado pelas altas paredes da casa vizinha, o hotel fechado. Tudo está muito silencioso e não sei o que fazer. Vagueio, giro ao redor de um ponto morto. Checo meu computador: já li e reli os jornais do dia com as coisas de sempre, já respondi aos amigos. De novo as coincidências. Tudo se encaixa, tudo coincide: uma amiga, Viviana, da Itália, me conta de sua mãe:

“Ela se dobra, se inclina sobre as pernas retas, para guardar alguma coisa na sacola de compras que, é um costume antigo e popular, deixou no chão e não sobre um móvel, como seria uma atitude mais senhoril, mais habituada ao conforto. Dobra-se como eu quase não consigo fazer, com uma notável e surpreendente flexibilidade do tronco, em uma espécie de exercício de flexão, em que as mãos chegam a tocar a ponta dos pés. Olho para ela de costas, registro esse movimento e o aponto com um gesto à minha irmã, que está sentada à mesa comigo, como dizendo: Olha só para ela, olha que agilidade, que inconsciência. É um movimento que muitas vezes indicamos para ela como perigoso. Mas ela continua fazendo, seja por esquecimento ou pela pouca vontade de deixar os hábitos que ainda a mantêm em um território próprio de autossuficiência, de possibilidades, de capacidades. Não digo nada, para não ser petulante e por respeito ao que nos quer demonstrar. Sorrio – mais por dentro do que por fora – com alguma satisfação por esse prodígio de mãe que tenho, quase uma menina. Pouco depois ela repete o movimento – mas quantas coisas precisa pegar ou deixar nessa maldita sacola?! – e então, inexorável, a cabeça pesa e cai, escorrega para baixo e o corpo inteiro desliza junto, lentamente, até ficar estirada no chão. Ajudo ela a se levantar. Não aconteceu nada, não se machucou. Não digo nada. Ela se tranquiliza. Diz: Entendi, agora entendi. E depois de um instante: Não vou fazer mais isso.”

Perla trabalha calada. Anos atrás, dei alguns quebra-cabeças para ela, mas já estão montados, não temos mais nenhum por fazer, e a luz agora não está muito boa. Não quero sair para dar uma volta. Para onde? Fazer o quê? O povoado zumbe lá fora, mas o zumbido não nos alcança. Estou enredado em mim mesmo, atado por suaves laços que vêm de muito longe, oprimido e de repente tornado criança, como se não tivesse uma definição precisa e fosse somente filho. Não estou nem deixo de estar. Não quero nem posso sair. Tomar um café num bar? Olhar os jovens passarem nas suas novas e velozes caminhonetes? Observar rostos de gente grande, tentando adivinhar os traços escondidos da época em que éramos pequenos? Procurar uma lan house, caminhar? Não há livrarias, não existem cinemas, há somente o que sempre houve: lojas de roupa barata, uma ou outra de roupa mais cara, que é a que se vê em toda parte, lojas de brinquedos cheias de cores fúcsia e verde gritante, joalherias populares com listas de presentes de casamento e alguma louça decorada com motivos franceses, lojas de roupa esportiva em preto e laranja, sapatos baratos de courvin, lojas de fotografia com fotos desbotadas nas vitrines: rostos opacos de crianças, de bebês, de jovens casais sorridentes. Não, não quero sair.

– Vamos comer uma pizza, com a Magda e a Silvia – uma amiga de Pili e a filha dela –, aqui pertinho, nada de caminhar muito, se come na calçada, põem umas mesinhas, é muito gostosa, vamos cedo, para não ficar muito tarde, estou cansada – diz.

O quadro na sala está agora na sombra, brilham apenas as pérolas cinza. O olhar é sereno, mas não é ela. Ao menos não a que conheço, desde que me lembro dela. É a que era antes de nós, seus filhos, ou quando eu era muito pequeno. Seus rostos vão se misturando ao longo do tempo.

Vejo sua alegria, ao mostrar a todos nós, sentados à mesa de jantar, o vestido que estreava para sair para dançar com meu pai. Quase todas as noites tem que sair para atender partos no casario da região, é parteira do Ferroviário. Desta vez parece que poderá se divertir: não há previsão de partos. É um vestido justo de mangas curtas, na altura dos joelhos, feito de seda escura, quase preta, com grandes rosas vermelhas, rosa e laranja, com algum detalhe em verde: os ramos, as folhas. Perlita tem o cabelo de que me lembro e como usa até agora: castanho escuro curto, ondulado, bem penteado, armado com spray. A testa ampla, as sobrancelhas bem desenhadas. Sempre me foi difícil saber se era bonita, não faz parte dos padrões clássicos

Perla

de beleza. Ainda não sei. Era especial, continua sendo especial e todo mundo nota e diz isso, é algo que irradia, que faz os outros sorrirem, que reconforta, que faz bem. Usa belos sapatos pretos de salto não muito alto, que combinam com o vestido florido. Sempre gostou de sapatos simples, clássicos, sem enfeites. Seus pés são muito pequenos, calça 35/36. As pernas são bonitas, com essas covinhas sob os joelhos que são o sinal da perfeição, como dizia Claudia Cardinale sobre suas próprias pernas. Teria seus trinta e cinco anos. Está feliz.

O grupo

Está feliz. Tem trinta e cinco anos. É um grupo muito grande de casais amigos que vão dançar, comemorar aniversários, comemorar a vida. As mulheres se encontram de vez em quando à tarde para jogar canastra, algumas preferem o pôquer, mas isso é mais tarde, à noite, e tem gosto de proibido; acontece na casa de Adela, de Berta, de Magda, de Franca. Os homens são todos jovens profissionais: médicos, bioquímicos, advogados, um deles é proprietário de um sítio, outro tem uma vinícola, outro tem uma agência de viagens. As mulheres, na maioria, são donas de casa. Perla é a única que tem uma profissão.

Não são do povoado, chegaram poucos anos atrás de tantos lugares do país para instalar-se nesse lugar jovem – fundado em 1905 – que prometia um bom futuro. Conseguiram. Todos melhoraram suas vidas e têm uma boa situação, sem grandes luxos, podendo viajar de vez em quando à Europa ou aos Estados Unidos, de onde voltam louvando a Fontana di Trevi, a Torre Eiffel, o Coliseu, as rodovias, os arranha-céus, Manhattan, a Estátua da Liberdade, a Disneyworld, o Capitólio, a Casa Branca. Vão dançar no Clube San Martín ou na casa de algum deles. Ou vêm para minha casa. Não bebem muito, o vinho está fora de moda nas festas, embora se beba – um pouco – no almoço e no jantar. Para as crianças servem um dedinho, de tinto ou clarete, em um copo cheio de soda. Quando se juntam, os homens tomam algum uísque, as mulheres algo doce, um licorzinho, um anis 8 Hermanos, um xerez, um vinho de missa, mistela ou marsala. Em geral são antiperonistas, é um lugar inclinado ao Partido Radical, com alguns do Partido Democrata – os gansos. Os moradores da favela, árida, seca, com barracos de taipa e lata, os de El Pacífico, são todos peronistas.

É um grupo de laicos, não há religiosos, ou não me lembro que frequentassem igrejas, embora meus pais exigissem que fôssemos à missa aos domingos, de um jeito mais burocrático, para poderem ficar a sós um

pouquinho. Viajam de vez em quando a San Rafael, a noventa quilômetros, para assistir a algum filme muito famoso ou proibido, que não chegará à cidade: *La dolce vita*, *La strada*. Sinto inveja deles. Adoram Fellini. É arrivato Zampanó: imitam Anthony Quinn, Gelsomina. Todos têm vários filhos, pelo menos três.

Estranhamente, não há – não houve – histórias de amores cruzados nesse grupo. Isso se resolve por fora, nas margens, embora todos saibam tudo de todos, creio. Os homens vão de noite ao Clube San Martín e, se por alguma razão alguém os chama, os empregados ou os amigos dizem que estão ocupados e não podem atender, ou seja, encobrem entre eles os assuntos extramatrimoniais.

É difícil falar dessas coisas com Perla, não se presta a isso, não gosta. Não houve escândalos, brigas ou separações no grupo, até que explodiram com violência, justo entre ela e meu pai. Talvez houvesse, sim, dor, dissimulação, traições, vinganças, resignação e revoltas, mas não agitavam a superfície do conjunto, não chegavam a alterar a ordem, que permanecia harmoniosa. As grandes aflições se iniciaram, abertamente, com os filhos e as filhas adolescentes, que brigavam por seus amores, suas opções sexuais, suas escolhas de vida. É aí onde tanta coisa se fratura, se fende. E acontecem também as mortes inesperadas, algum suicídio, os acidentes, que ceifam vidas jovens e instalam o drama nas casas.

No grupo não se comparte a dor, não se contam intimidades, não se fala das coisas tristes, é *daquilo que não se fala*. Podem ver-se todos os dias, mas é muito raro o momento em que descerram as tristezas profundas. Perla conta para mim, seu filho mais velho, que diante da angústia finalmente expressa por uns pais ao descobrir que a filha tinha uma relação com outra menina, angústia que os tinha levado a ameaçá-la, investigá-la e pressioná-la de mil formas, disse para essa mãe: Ai, se eu soubesse... você devia ter falado comigo, por que você não me disse, por que não me contou?, eu teria ajudado, não se deve fazer essas coisas, não, não se deve fazer isso, não se pode equivocar assim, não se deve errar como nós erramos com nosso filho mais velho.

Mapa

Sáímos. Vamos buscar sua amiga Magda e sua filha mais nova, Silvia. Nos sentamos na pizzeria, algumas mesinhas precárias estão dispostas na calçada. É um encontro leve e agradável, colorido com cerveja misturada com Crush, pizza e essas gostosas empanadas com muita cebola, típicas de Mendoza. Conversamos sobre o povoado, sobre os amigos, sobre uma viagem que fizemos juntos ao Brasil, em que foi também quem eu namorava na época. Uma trupe muito especial, arrastando malas, os filhos atrás de uma pousada, tomando cuidado para que as mães não tropeçassem pelas ruas de pedras irregulares de Paraty, ou de cima para baixo procurando onde jantar pelos bares agitados do Pelourinho e enfrentando sacudidas inesperadas nas ondas da Praia do Forte.

Pergunto por aqueles que não vejo há muito tempo, de quem não tenho notícias. Vão, com seus relatos, desenhando um mapa entrelaçado, vão unindo os pontos de uma constelação. Os pontos, na realidade, são cruzinhas: todos morreram, quase todos morreram. Começaram a morrer há uns trinta anos, e depois a lista não parou de aumentar: Delma, que era parecida com Silvana Mangano – embora na verdade me lembre mais a Sandra Milo em *Oito e meio* de Fellini –, de voz aguda, pele de porcelana, perfil de moeda romana e pernas que nem colunas; Raúl, seu marido, muito ciumento, que gostava de jogar pesado e vivia à beira do abismo; Guillermo, o filho do meio, que já grande caiu do telhado de uma vinícola; Victor, o primeiro que partiu, divertido, que se fantasiava com lençóis e se vestia de mulher nas festas de carnaval e de quem tenho presentes o riso aberto, contagiante, e os faiscantes olhos sírios; Virginia, sua mulher, irmã de Delma, belíssima, esbelta, pálida, de olhos azuis e riso cúmplice, está morando na casa de seu filho, em Mendoza; alguém creio que morreu de tristeza porque um dos seus filhos – de grandes olhos verdes e cílios curvados, muito sardento – se disparou um tiro de fuzil no seu quarto e foram os pais que o encontraram em

meio a esse desastre sangrento; Hilda e Raúl, tão queridos, tão atenciosos, tão amigos, dona Felisa e dom Vicente, Simón e sua esposa, Adela, a Tana, a Turca, os Gattás, os Bustani, os Atencio, os Juri, a senhora Álvarez, da casa antes da Diagonal, Onofre e Antonio, os Cosentino, Lía, não sei se Tita e José Luis, mas acho que não, e o Dr. Juri e a Elsa Parola que sofreu um acidente terrível; os Manzano... a Queca, e aquele que foi prefeito, Pío, e Silvestre e Cata, Teresa, o senhor Baronetto; o pai da Chachi e seu irmão Eduardo, dona Felicitas, o pai de Sonia, e os Ponce, a China Martínez, o Lalo e seus pais, a mãe de um amigo que foi esmagada dentro de seu Citroën por uns cavalos que atravessaram a estrada de noite, o Sr. Greco do Bazar 95, Bartolomé, meu avô, o que conheci, minhas avós Sara e Dora, Laurita e Rufino, os pais da Nilda, minha amiga de infância – morreu de um choque anafilático após uma injeção de penicilina, lembro onde eu, que teria uns sete anos, estava quando fiquei sabendo, bem na porta de casa, éramos vizinhos, e ouvi os gritos de Laurita, sua mãe, em pleno entardecer; os Ayassa, os Rómboli, os Sosa, Fava, o Guillermo – isso foi há poucos anos, ele era pura luz, os olhos cheios de pontinhos dourados –, uma menina que morreu por culpa de um maldito aquecedor com defeito, a Teresita Reali e seu marido; os Sáenz: o tio Julio – tão formal, sério, amável –, minha tia Anita, tia postiça, de quem gostava tanto pelo jeito como dizia meu nome sempre, por dizer Robertito com sua voz sorridente e um tom lacrimoso que apareceu e foi aumentando com o tempo –, nessas sílabas ela punha toda a tristeza do povoado e de sua vida –, e seu filho, o Rodi, que morreu de repente e quase os destrói de dor; o Carlitos Dimarco, Nocera e a Franca, sua esposa de sotaque tão italiano, Marta e Gigino, o Tito – que me ensinava poemas picantes e a cuspir com catarro –, o Viti, Víctor, o Negro Ortiz, colega de classe, que também se chamava Roberto e era tão boa gente, bem moreno, com olhos que sorriam.

Estará vivo meu melhor amigo do primário, o Tomasito Kobayashi, que ficava com o rosto queimado pelo frio? Ter um amigo japonês me enchia de orgulho: eu gostava dos índios, não dos caubóis, e dos russos, não dos ianques. Os colegas de classe, de infância e de escola – a *Carlos María de Alvear* –, os amigos de adolescência, os conhecidos, a Nora, a ruiva e sardenta Dorita, a Alcide, que quase tirou de mim o primeiro lugar, a Dolores, que tinha epilepsia e nos dava tremendos sustos, o Leo, que me contou todo o filme *Psicose* numa viagem gelada de ônibus em uma tarde de domingo no inverno, os dois de uniforme, de pé durante seis horas indo ao colégio em

Mendonza, a Cuqui, Beby, o Boli, Coco – Carlos M., que era mau comigo –, Néstor e o Cuqui, o José Antonio, Elián, o Yayo, o Pichón, a Iris, Rubén... estão vivos?

E a primeira menina a quem me declarei, em uma tarde na saída da escola? Corri atrás dela, encorajado por meus amigos, fiquei do seu lado e quando, todo ruborizado, perguntei a ela se queria sair comigo, deu uma gargalhada e quase gritou: Nem louca! Se chamava Inés? María Inés? Funes? Yáñez? Terá alguma vez se lembrado dessa corrida ao sol de alguém que a abordou de repente?

Sei que ainda vivem Coca, minha segunda namorada, Chachi, Silvia H., Silvia G. e Silvia R., Sonia, que uma vez, passando trotes pelo telefone, disse para um menino: Por que você se foge de mim?; Isabelita, Isabel, Mónica, Horacio, que foi o primeiro na cidade a usar calças pata de elefante – as Oxford –, Susana, que me achou no Facebook, Raulito, Carlitos e o Cacho – os irmãos já sem o Rodi –, que estouravam bombinhas e cabeças de nego nas noites de Ano–Novo, a Chela e o Hugo – que uma vez espiei quando se beijavam entre as videiras –, Rosmary, que chorou tanto quando Kennedy morreu, a Martita, Luisito, com quem passeávamos, amontoados no seu carro, a toda velocidade, Marta, a Pirucha e seus irmãos, a Susi, que olhava para tudo com seus grandes olhos, curiosa e magrinha, o Negro, Alicia R., meu primeiro amor, outras duas Alicias, Oscar, Pititi, a Joaquina, minha primeira namorada, de pele muito branca, sardenta, de olhos verdes risonhos, a quem roubei um beijo apressado, dizendo que tinha que contar–lhe um segredo no ouvido... Perla me disse há pouco que encontrou com ela no banco e lhe disse: Queria que você soubesse que gosto muito de você.

E as professoras do primário, por quem brigávamos com meus irmãos para decidir qual era a mais bonita? Que era a senhorita Hilda, que era a senhorita Plaza, que era a Lolita Quiles, a mais bonita do mundo...

Quase todo o povoado, os adultos e tantas crianças de minha infância, os gatos, os canários e os cachorros, as andorinhas da primavera, os abutres e ximangos que voavam alto sobre o matadouro municipal, o burro fantasiado de camelo dos Reis Magos, os cavalos que puxavam as charretes, quase todos morreram. Muitos amigos e quase todas minhas amigas foram embora, fizeram sua vida longe, em outros lugares. É um povoado fantasma

– seria, se pudéssemos voltar atrás. As ruas teriam que estar desertas, sem ninguém, vazias como um set abandonado de filme de faroeste, atravessado somente por arbustos secos, redondos, daqueles que rodam. Se ouviria somente o vento entre os carros velhos, infiltrando-se pelos postigos, fazendo redemoinhos de poeira nos ambientes vazios, rente ao chão pelas ruas paradas, assobiando entre as folhas dos plátanos, dos álamos, das chapas oxidadas dos cartazes publicitários.

Alarme

Voltamos devagar. Acompanhamos Magda e Silvia. Faz muito calor, o povoado é um forno. É cedo, onze horas, mas está tudo vazio e ruidoso, por causa dos carros e caminhões que passam velozes. A casa está muito escura, esquecemos de deixar alguma luz acesa. Nos sentamos um pouco no murinho de pedra. Estou inquieto, não sei o que fazer.

– Vou dar uma volta, quero caminhar um pouco – digo, quase por falar, por fazer algo gratuito.

– Onde você vai a esta hora? – diz, e sinto sobressalto e incerteza em sua voz.

– Por aí, beber alguma coisa – respondo, e me sinto culpado, nem sequer eu creio na minha vontade de sair, minha voz soa calma e pouco convincente.

– Como fazemos com o alarme? – diz.

– Eu levo a chave – digo.

– Certo. Mas eu não tenho uma cópia.

– E se a deixássemos na janela, como eu e meus irmãos fazíamos sempre, quando éramos crianças? – digo.

– Sim, mas... como fazemos com o alarme? – diz, incerta também ela.

– Não ative, eu volto logo.

– Eu não consigo dormir se não ligar o alarme. É perigoso, outro dia assaltaram uma senhora aqui perto, este lugar não é mais o que era – diz, com mais firmeza.

– Mas é que estou com vontade de sair – digo.

– Mas aonde você vai a esta hora? – diz.

Começo a rir, sem vontade. Ela não. Não sei o que fazer, tudo parece simples, mas não é.

– Eu fico – digo.

– Não, vai, vai... Faz o que tiver vontade, mas... se amanhã você já vai

embora e vai poder fazer tudo o que quiser lá – diz, e eu começo de novo a rir porque esse *poder fazer tudo o que eu quiser* e este *lá* estão envoltos em algo escuro, enredado.

Me sinto ridículo, oprimido, rancoroso. Não quero ficar nem quero sair, estou ali enrolado no novelo. Ficamos, sem aviso prévio, no funil. Lembro desses amontoados de animais, envoltos e aprisionados, quase imóveis, no lodo de um lago africano que está secando.

É isso. Sou o filho. Teria que obedecer a minhas próprias ordens, mas obedeco a ela, apesar da minha idade, da minha vida, de toda a lógica. Ou melhor: é lógico, é isso mesmo. Na realidade ela intui ou cria meu verdadeiro desejo: eu nem sequer queria sair. É a casa que está chamando, o lugar que protege e anula, que espera no escuro, cheia de abrigo, ladrões e alarmes. Entramos.

Noite

Dentro de casa está tudo muito silencioso, muito quieto. Me sobresalto cada vez que, ao sair ou entrar, Perla aciona a maquininha que liga o alarme, que emite esse apito ameaçador. Fechamos bem as portas metálicas que dão para o pátio, os puxadores têm que fazer as guias de ferro encaixarem nas aberturas da base. São movimentos conhecidos por mim, estão dentro de mim, não preciso lembrá-los, embora não os faça há tanto tempo. É como abrir a porta da geladeira no escuro, aquela de antes, ou buscar quase às cegas os interruptores de luz, ou antecipar em minha mão a maneira em que a chave principal entra na porta, como se desliza e gira suavemente.

Estamos calados. Verificamos se as outras portas estão bem fechadas. Há um extenso sistema de alarmes, mas é uma casa cheia de vulnerabilidades. Uma casa grande que vai se protegendo por zonas com detectores de movimento. Tudo fica quieto, à espreita. Vamos para o segundo andar, subimos devagar a escada que, quando pequenos, era um dos lugares preferidos para as brincadeiras, um corredor de rajadas de corpos jovens. Era também o lugar do medo: tínhamos que ir ao quarto de meu pai, quando parava de trabalhar e tirava o jaleco de médico, para levar-lhe uma camisa, que ficava esperando em uma cadeira. Um de nós deveria ir, a cada noite alguém diferente, embora às vezes ele repetisse um nome. Éramos, somos, três. Que alívio escutar o nome de um dos outros dois. Lá em cima podia aninhar-se o monstruoso, algo vago que nos esperava nas sombras. Era preciso deixar para trás a luz protetora da sala de jantar, atravessar a sala de estar no escuro, acender a luz da escada, subir os degraus sem respirar, colocar rapidamente a mão no escuro do quarto e acender a luz do lustre, arrancar a camisa de um puxão só, evitando amarrotá-la, sair correndo, bater no interruptor e descer numa disparada, resfolegando, apagar a luz das escadas ao chegar embaixo, já pisando terra firme, chegar à sala de jantar, frear, dissimular, não aconteceu nada, entregar a camisa a papai, que a vestia displi-

centemente, sem perceber como nosso coração se acelerava e o cheiro acre que desprendíamos. Se as coisas fossem ditas, se pudessem ser ditas, quem sabe as vidas teriam sido diferentes. Sim, talvez seja o silêncio, o não saber, o não falar, que crie as distâncias, as impossibilidades, os ódios.

– Pode dormir comigo, se quiser – diz Pili.

– Não, prefiro dormir na minha cama – respondo –, embora não seja minha cama: no meu quarto de menino, as duas camas foram substituídas por uma de casal, quando meu irmão do meio se casou e morou por um tempo com meus pais.

– Então vamos ter que cobrir o alarme do teu quarto – diz.

Me dá um xale para tampar a luzinha cor-de-rosa que está no canto do quarto e, assim, não detecte meus movimentos durante a noite, se eu for ao banheiro. E se quiser descer para beber alguma coisa? Como vou fazer? É engraçado, ficamos os dois ali, de pé ao lado da porta, eu tentando tampar essa luzinha fraca com um lenço de seda que escorrega o tempo todo.

Vou ao seu quarto e deito um pouco, ainda vestido, na sua cama. Ela tira a roupa, não se esconde ao fazê-lo, sempre foi muito solta e muitas vezes, quando trocava de roupa, vi os seus seios, que se mantiveram muito jovens quase a vida inteira. Mas agora não quero olhar para ela. Sim, está menor, como se estivesse secando. Sinto isso ao abraçá-la – poderia caber duas vezes entre meus braços –, ao ver que quase não come ou que come a mais, só um ou dois bocados, para agradar; sinto isso na sua voz enfraquecida, que usa o fôlego exato que precisa para se fazer ouvir e apesar disso tenho que perguntar com frequência o que disse; posso ver no seu rosto, em que seus olhos se afundam, as bochechas desaparecem e o crânio se esforça para se fazer evidente. Não, não quero ver isso, não quero escrever isso. Mas é o seu olhar que não é o mesmo: não tem alegria, não brilha.

Dobra a roupa com cuidado. Tem as mãos suaves, isso sim continua igual. Tão suaves. Talvez por tanto contato com o sangue, os humores, os sucos da vida, por tanto tocar, acariciar, segurar e puxar para o mundo as cabecinhas que emergiam, que nasciam, talvez pela palmada com que tinha que despertá-los e fazê-los chorar.

Ela se deita, suspira. Liga a televisão e procura algum filme de ação, de muita ação, que adora, relê algumas coisas do jornal. Procuo mudar os canais com o controle para ver se há algo interessante, mas não estou habituado a usá-lo e o sistema a cabo é diferente, além disso não estou com os

óculos e não quero me levantar para buscá-los. Peço o tempo todo que me indique a tecla para abaixar ou aumentar. O controle não me obedece, o volume se comporta como quer, portanto deixo a tela em qualquer coisa – é *Velozes e Furiosos*, que divertido – e fico aí, emburrado, silencioso. Ela também não fala comigo. Estamos a dois ou três centímetros um do outro, não sinto seu calor. Nos distanciamos. Não é porque eu queria – ou não queria – sair, ou porque ela não queria que eu saísse. Não, é o que de repente se instala sem motivo entre pais e filhos, entre casais, namorados, irmãos ou amigos. É um muro que quase se pode tocar. É desconfiança, irritação, intolerância, segura, tédio. A gente se conhece demais e há um momento em que não gostamos do outro, não o suportamos.

– Vou dormir.

– Espero não acordar você, me levanto muitas vezes para ir ao banheiro – diz.

Quando estou saindo, na soleira da porta, acrescenta:

– Dorme bem. Que peninha que você vá embora amanhã.

Perla

Quase sempre, quando não viaja para a casa de meus irmãos, para Mendoza ou Córdoba, Perla dorme sozinha: deixamos ela sozinha, ela pode, ela está, ela atravessa a vida inequívoca e segura. Confere portas, janelas, ativa o alarme da casa inteira e se tranca à chave no seu quarto. A casa vira um grande animal que dorme, mas, se prestarmos atenção, podemos sentir o ar que desliza sob as portas, os estalos da madeira ou dos telhados, o chiado das folhas das árvores e dos morcegos, as brigas e gemidos dos gatos no terraço fazendo amor, latidos distantes, risos, passos incertos onde não deveriam estar, carros que passam com gente apressada para ir dormir.

Não sei se tem medo, não sei o que pensa, não sei se reza, me disse que às vezes sim, que pede por nós, pelas netas e o bisneto. Não crê em nada superior, sente que nascemos de algo físico, que nos originamos de forças da natureza, que as coisas nasceram das coisas. Mas às vezes reza, diz.

Ninguém pode entrar, está fechada com chave, e ninguém poderia arrombar a fechadura sem que ela acordasse e acionasse o alarme, mas ela está encerrada, isolada e só, e algo pode acontecer: pode desmaiar, pode escorregar e se ferir, pode morrer devagar, distante de qualquer ajuda.

Se olharmos para ela como em uma tomada de cinema vista de cima, vemos que está semiadormecida, a mão direita na cama mal segurando o controle da televisão, o jornal ao seu lado, equilibrado na beira do colchão, os óculos estão na mesinha de cabeceira, o abajur está aceso. Sua boca está um pouco aberta, mas ela se mexe e fecha a boca, não quer que a vejam assim. O ar-condicionado emite um ligeiro mas incômodo zumbido. Se nos afastarmos poderemos vê-la de corpo inteiro, no lado esquerdo da grande cama, do lado que era do meu pai. Cobre-se até o queixo com o lençol e a colcha de brocado bordô. A câmera atravessa o teto, sobe e sobe. Vê-se a casa, a parte familiar, como em uma planta arquitetônica: os desenhos dos quartos, as portas, o brilho das luzinhas retangulares dos alarmes, os objetos

do banheiro. Tudo cinza. Somente ela, Perla, é colorida. Nos afastamos mais, aparecem as outras dependências: os dois consultórios, a lavanderia, o pátio dos fundos, o que foi a sala de partos e a maternidade, onde as parturientes ficavam um ou dois dias depois de dar à luz seus filhos. Agora tudo fica muito escuro. A casa continua sendo vista como em um plano desenhado, mas adquire certo volume. Quase não se distingue mais Pili. É só um detalhe avermelhado. Aparecem as casas vizinhas, o quarteirão, a rua, o centro. Continuamos subindo, já pode se ver todo o povoado. A casa é um ponto, Pili desapareceu, vemos as manchas de luz dos bairros periféricos, o brilho da água dos canais, as ruas que viram estradas traçando linhas retas com suas luzes, e mais além o brilho dos lugarejos próximos, as manchas opacas dos vinhedos, das plantações, e depois a profunda escuridão do deserto, que se parece a um mar. De lá, muito do alto, o povoado é apenas uma faísca diminuta, sozinho ante as grandes cidades. Parece um barquinho no oceano. Então poderíamos dar o salto, nos lançar de cabeça desse trampolim do céu, e veríamos que, quanto mais nos precipitamos, nos aproximamos cada vez mais desse mar, dessas cintilações como de ondas, de plâncton, e poderíamos mergulhar, e fazemos isso, entrando como flechas na água, em meio a um redemoinho de borbulhas e espuma, para buscar nosso tesouro, o que jaz solitário no mais profundo, a que chegamos com nosso último suspiro quase, esticando-nos para arrebatá-la, na areia onde está apoiada, a ostra com sua pérola.

Voltar

Já é de manhã. Quase não dormi, sentindo a noite estranha ao meu redor, passos na escada, sombras na janela. Hoje volto para casa, para minhas coisas. Ana me traz um café, torradas, doce de leite, manteiga. Pili já se levantou. Vou até sua cama e folheio o jornal. Minha pele está gelada. Desço, enrolado em um lençol. Sentada à mesa da sala de jantar, ela lê outro jornal, antes de fazer suas palavras cruzadas. Dou-lhe um beijo, acaricio suas costas, que bom, por baixo, pede; deslizo minha mão sob sua blusa, pelas suas costas suaves, faço massagem. Está bom, diz, quase imediatamente. Comenta com raiva e desdém as notícias políticas. Tomo outro café, espio enquanto ela fala com Ana, organiza o almoço, quando atende o telefone: O Edicito ligou – diz contente, depois de desligar –, vem no final de semana que vem. Deixou de lado as notícias do país, que a irritam, e volta a ter esse brilho, essa aura de simplicidade, de ternura, que todos veem. Não posso descrever bem, é o que ela irradia, se sente na maneira especial como as pessoas – tantas – a cumprimentam e se aproximam dela na rua, como se fossem imantadas por sua luz, agradecendo a ela por ter trazido seus filhos ao mundo ou a si mesmos.

Não faz muito calor, há um ar fresquinho e agradável entrando pelas portas que dão ao pátio.

Olho para ela, olho.

Sem que ela perceba.

Não quero que sofra, que sinta dores, alguma dor, não quero que envelheça mal, não quero vê-la afundar-se, não quero sentir esta pena que sinto por ela, por nós, por mim.

Prefiro morrer, prefiro que morra.

Foi um erro ter vindo, não conseguimos conversar, manter esse vínculo necessário para estarmos próximos, não pude dizer o que penso, não me atrevo, embora sequer saiba exatamente o que é. A impossibilidade é o

que nos distingue, isso não posso mudar.

Tenho que romper isto, não posso continuar atado à escuridão, vou contar para ela: direi que estou assustado, que sinto que algo grave pesa sobre meus amigos, sobre mim, sobre a vida. É o pressentimento de uma catástrofe: o imprevisível que se abate de repente e corta, desgarrá, estoura, mutila, esmaga. A desgraça está suspensa, esperando o momento, mas vai cair. Será impiedosa.

Sei por que sinto isso: uma soma de indícios, de notícias de amigos que adoecem, que morrem, que envelhecem; os que são mais jovens, os da minha idade, os mais velhos. Também ver como os anos correm enlouquecidos e o corpo já não se sustenta como deveria, como eu gostaria. E alguma outra coisa indefinida, que não consigo escrever.

Respiro fundo.

De repente vejo que empalidece. Tira os óculos, interrompe o gesto, joga-os sobre a mesa.

Respira fundo.

Me assusto, algo se quebrou dentro dela. Olha para mim alterada, pigarreia, as palavras não saem. Precisa dizê-las a mim, não pode deixar de fazer isso. Não quero escutar, mas tenho que ficar, não posso escapar, sinto que o chão afunda.

Não vou suportar isso.

Sei o que vai me dizer: que tem medo da morte, que sente que está morrendo, que não lhe resta mais nada, que não tem mais tempo, que assim a vida não vale a pena, que já chega, que não a deixemos sozinha, que não a internemos, que não a tiremos de sua casa.

Ela me olha e diz:

– Tenho vontade de viajar, de ir a alguns lugares onde já fui, quero voltar a ver as pirâmides, o vale dos Reis, Paraty, a pousada daqueles seus amigos, quero voltar para Nova York, quero voltar para a Disney.

Quatro notas sobre Perla¹

1.

Toda mãe é teatral, mas apenas para um espectador: seu filho. O vínculo é unipessoal por ambas as vias, dispõe de uma única atriz em direção a um público que, apesar de ocupar somente o lugar central e a uma distância justa, deixou a obra por começar sem mais localidades. Porque de fato elas não existem; trata-se de uma sala com um grande cenário; várias mudanças de cenografia, essencialmente da casa e de seus quartos, os de cima e os de baixo em corte longitudinal; algumas personagens que atuam quase ao modo de um coro naturalista, assumindo a voz do povoado, da comunidade; e tudo em frente a uma única cadeira. Mas, se toda mãe é teatral (e depois de ler *Perla* não resta nenhuma dúvida de que todas são), o drama, suas linhas de diálogo e seus solilóquios, seus movimentos e gestos, seu papel e a encenação toda se conforma e se consolida sob as marcas do filho, com a condição, a condição literária por antonomásia, de que algo não manejável e díscolo suplemente a vontade filial e fique fora de todo código cénico. Roberto Videla assinala isso perfeitamente: “Vejo-a, está voltando do dentista, a cem metros, pela metade da outra quadra. É minha mãe, sim, é ela, reconheço. É e não é”. Sublinho: é e não é.

Perla, Pili, Perlita, Mãe Perla, Mãe. Assim terá sido nomeada, chamada, requerida, advertida... a mãe de Videla, mas agora em *Perla* (no título *Perla*) é batizada, registrada, anotada, e não só nos sentidos religioso e civil dos termos, pela primeira vez. É o filho que lhe deu um nome, fechando assim o vínculo em um círculo “certo”. Porque, para que toda mãe seja protagonista,

¹ Texto publicado originalmente na revista eletrônica Bazar Americano em sua edição de setembro-outubro de 2017. Tradução de María Elvira Díaz-Benítez.

o filho-espectador deve colocá-la em ato. Que é o mesmo que dizer no mundo, um que, para diferenciar dos outros – mais fragmentários, mais quebrados, mais rotos e, sobretudo, mais provisórios –, a extraordinária sabedoria filial de Videla chama de redondo. Um mundo redondo: “Me refugio ao seu lado, me aproximo e quase encosto nela, sinto seu calor, deslizo para baixo, ponho meu travesseiro sobre seu ventre, cuidando para não tampar a tela e não fazer muito peso. Me sente entre sonhos, toca meu cabelo, o acaricia, diz como é macio, igual ao da minha mãe – estou certo que nesse momento seus olhos umedecem, como toda vez que diz o nome dela – e dorme novamente. Permaneço ali, com sua mão quieta. Não há lugar melhor no mundo do que este aqui: tudo redondo e certo”.

O mundo redondo e certo da mãe, das mães, se multiplica para dentro como em uma grande e definitiva matriosca grávida em abismo de mães e filhos, uns dentro de outras: aqui, o filho no colo de sua mãe viva, sim, mas também a mãe viva no cabelo de sua mãe morta – o da avó Dora que, como escreve Videla, “reina na cozinha”.

2.

Há outras matrioscas em abismo no relato de Videla. Pelo menos duas. Uma não apenas aceita de bom grado, mas estica a polissemia do nome em um panóptico e cria, no oceano do planeta, uma ostra para conter a mãe, a “Mãe Perla”. Trata-se, em princípio, de uma simplicidade conveniente, um aproveitamento semântico fácil e evidente, mas que Videla usa, compõe e desloca em uma cena na qual distância e perspectiva jogam todo seu potencial. É quase no final do romance, quando o ponto de vista do filho sobe como num guindaste (“como em uma tomada de cinema vista de cima”, escreve o autor), para calcular até onde deixou sozinha, sideralmente sozinha, sua mãe idosa, nonagenária. Ela está adormecida na cama, dentro do quarto e dentro da casa, e do lado de dentro dos alarmes, e na vizinhança, e no povoado sozinho e pequeno como um submarino em um oceano de uma única ostra e uma única pérola, onde o filho fantasia em mergulhar (o recurso lembra o final de “El hombre muerto”, de Horacio Quiroga, e o conto “Manos y planetas”, de Juan José Saer, onde, do mesmo modo que aqui, as subjetividades se abismam e isolam, entrando em estado de solidão cósmica).

A outra matriosca se expande para fora de *Perla*. Primeiro, em dire-

ção à realidade e depois, como não poderia deixar de ser, em direção a um livro, um livro posterior do próprio Videla, *Dichas y quebrantos*, no qual se amplia a diegese materna e simultaneamente se fecha o círculo. Em *Dichas y quebrantos*, Perla lê *Perla*, assiste às alternativas da personagem Perla para aprovar o “certo” desse mundo redondo. *Dichas y quebrantos* contém Perla lendo *Perla*: “colocou seus óculos, se acomodou suavemente na poltrona, leu as primeiras duas páginas que são amargas, chorou sem parar de ler, secando suas lágrimas com as pontas dos dedos, se controlou. Disse com voz quebrada e baixinha: Assim é a vida”.

Há mais ainda porque esta cena também inclui o autor, o espectador, o diretor de Perla, observando sua mãe lendo Perla (o gerúndio é inevitável). Aqui, em uma rara terceira pessoa, que parece proteger o filho das consequências de seus atos literários, de seus atos filiais, ou simplesmente de seus atos, confundidos em sua sina autobiográfica Videla abandona aqui a primeira pessoa. “Ele não sabia o que fazer com o vivido”, escreve, para continuar modulando essa ignorância.

3.

O fator Puig. Dominante em Perla. Com variantes que tencionam o fio de uma tradição que proliferou, quiçá em demasia, na literatura argentina de final e princípio de século. No geral (digo no geral para atenuar uma afirmação que não é resultado de nenhum escrutínio), os novos narradores têm tomado de Puig a fatura dos diálogos, a influência dos estereótipos e a montagem discursiva sem chegar nas sutilezas nem de sua escuta, nem de sua composição, nem de sua textura, e têm deixado de lado o universo provinciano, eminentemente provinciano de seus dois magistrais romances inaugurais. É algo bastante evidente, mas acredito que não tenha sido destacado o suficiente. Videla, ao contrário, o aceita em bloco, como deve ser. Não quero dizer com isso que para escrever como Puig é necessário nascer em General Villegas ou em General Alvear, embora sim um pouco, mais ou menos é isso que quero dizer.

Perla leva a voz cantante de seu rincão (assim Videla nomeia General Alvear), uma voz soberana que, em grande parte, não está marcada na frase nem por travessão de diálogo, nem por aspas. Surge sem avisos ortográficos e de maneira tal que impõe suas tonalidades a todas as outras vozes, ao

“coro” e, sobretudo, à voz do narrador, ao filho. Mas não apenas seu tom, também seus assuntos, que são os assuntos de sua pequena comunidade. *Perla* assinala em suas linhas de diálogo, em seus parlamentos, o que há de ser lembrado de sua comarca e, em consequência, o que há de ser contado. A mãe: “Os Ayassa, que moravam em frente, lembra”, a mãe não pergunta: você lembra?, mas afirma, impõe a lembrança (do mesmo modo que utiliza o bordão “você viu”). O filho: “Olho para a loja que me aponta; a casa ficava atrás e lembro que uma vez no pátio, um pátio seco e sem plantas, o Eduardo, que era um pouco mais velho do que eu e de quem eu não era amigo, queria me ensinar a mijar longe”. E também a mãe: “lembra da Líá, aquela de olhos bonitos”, o filho: “Lembro da filha, belíssima, com olhos da mesma cor que os da mãe”.

Devo esclarecer que estas citações ordenadas e adaptadas aqui em formato dramático somente por entusiasmo didático, “a mãe”, “o filho”, não fazem jus à solvência de Videla, que pode prescindir dele sem perder um ápice de sua matriz dialógica, ao contrário.

Perla domina, prevalece, marca o rumo das frases e das coisas e, às vezes, até um ponto complicado, denso e difícil de suportar, paralisante. Assim: “Mas aonde você vai a esta hora?”. E depois: “Não, vai, vai... Faz o que tiver vontade, mas... se amanhã você já vai embora e vai poder fazer tudo o que quiser lá”. Trata-se desse suplemento díscolo da enunciação que o narrador, de forma notável, destaca em itálico: esse *poder fazer tudo o que quiser* e esse *lá* estão envolvidos em algo escuro, enredado. “Me sinto ridículo, oprimido, rancoroso. Não quero ficar nem quero sair, estou ali enrolado no novelo”.

O novelo: outro aspecto (temível) do mundo redondo.

4.

O artigo antecede o nome. O Eduardo, o Carlos, a Franca, o Tomasito, a Nora, a Dorita, o Cacho, a Chela. Um risco alto de provincianismo, mas aqui, no relato de Videla, um toque extraordinário de autenticidade e distinção. Quando se escreve sobre o próprio povoado, sobre a própria vida no povoado, o regionalismo está à espreita. Muito mais do que quando se escreve sobre a própria cidade (de mais de 500 mil habitantes, no mínimo) ou, inclu-

sive, sobre o próprio bairro dessa cidade natal. Para qualquer escritor provinciano e autobiográfico, o regionalismo é uma ameaça, uma coerção. Mas no intuito de evitá-lo, de se safar dessa influência tão debilitante e mal vista, costuma-se cegar a percepção da comarca. Por horror de cair no folclore, na cor local, nos tipos, mas, sobretudo, por horror de cair no espaço idiossincrático do relegado da província, os relatos escolhem polir seus visos pitorescos sob a doxa admitida pelos esnobismos metropolitanos. Se além do retorno à terra natal trata-se também das lembranças da infância na primeira pessoa, aumentam as complicações: como sair artisticamente ileso de semelhante conjunção ideológica? Como lograr que meu povoado, minha calçada, minha casa, minha vizinha, minha mãe, não sutilizem seu traços ímpares na torrente das tipologias? Como, ao mesmo tempo, conseguir que esses traços potencializem por direito próprio, sem delegação, a experiência de um lugar (do rincão como chama Videla, e há de ser repetido porque muitas de suas reflexões derivam dessa nomenclatura) e de um vínculo que, na verdade, não existem antes de serem contados?

Videla não teme o regionalismo ameaçante, mas sabe mantê-lo à distância necessária para não desnaturalizar seu relato: por um lado, no sentido da enorme proximidade que tiraria de suas cenas o que elas têm de único e inaplicável para se tornar clichês; mas, por outro lado, pelo enorme afastamento que deixaria sem autenticidade suas descrições, seus diálogos, suas personagens, um equilíbrio perfeito de camelos, nem tantos para pecar de exotismo nativo, nem tão poucos para resultar extravagante e esnobe. “Assim é a vida” diz Perla. A evidência perfeita desse equilíbrio é uma longa enumeração de nomes que, por arte do retrato ultrassintético – há muitos exemplos da destreza de Videla nesse gênero, sobretudo em outro de seus livros: *Maestros y traiciones* –, adquirem seus direitos de personagens literárias e, tal como acreditava Chesterton de Dickens, é suficiente que estejam no romance para que, embora fugazes, sejam inesquecíveis. Ali, então, o mapa dos mortos e dos vivos de General Alvear, do qual cito um fragmento: “Estará vivo meu melhor amigo do primário, o Tomasito Kobayashi, que ficava com o rosto queimado pelo frio? Ter um amigo japonês me enchia de orgulho: eu gostava dos índios, não dos caubóis, e dos russos, não dos ianques. Os colegas de classe, de infância e de escola – a *Carlos María de Alvear* –, os amigos de adolescência, os conhecidos, a Nora, a ruiva e sardenta Dorita, a Alcide, que quase tirou de mim o primeiro lugar, a Dolores, que tinha epilepsia e

nos dava tremendos sustos, o Leo, que me contou todo o filme *Psicose* numa viagem gelada de ônibus em uma tarde de domingo no inverno, os dois de uniforme, de pé durante seis horas indo ao colégio em Mendoza, a Cuqui, Beby, o Boli, Coco – Carlos M., que era mau comigo –, Néstor e o Cuqui, o José Antonio, Elián, o Yayo, o Pichón, a Iris, Rubén... estão vivos?”.





Agradeço a

Victoria María Ramírez – Perla –, Viviana Roveda, Ana Paulinelli, Alejandro Romanutti, Chachi Salas, Liliana Paolinelli, Carlo Cazzola, María Teresa Andruetto, Lucia Melim, Nilda Fantini, Mónica Flores, Cristina Sorini, Ramiro Lehkuniec, Leny Migotti, Jorgelina Brasca, Gastón Sironi, Marilén Garavelli, Cristina Castrillo, Carmen Garzón, Carlos Suchowolski, Ailín Videla, Fernanda Videla, Ricardo Videla, Susana García, María Caldelari, Ernesto Ascheri – in memoriam –, Adriana Mazzocco, Marina Vassanelli, Circe Maia, Marinilza Silva – in memoriam –, Ramiro Iraola, Lilia Lardone, Mauro Rodríguez Monje, Juan Forn, Leandro de Sagastizábal, Inés Garland, Julián López, Alberto Giordano, Nora Avaro, Carlos Schilling, Gabriel Ábalos, Silvio Mattoni, Dorilda Pereyra, Liria Evangelista, Jorge Luján, Carlos Ferreyra, Alejo Carbonell, Mariela Laudecina, Susana Cabuchi, Diego Cortés – in memoriam – e *Llanto de Mudo Ediciones, Papéis Selvagens Edições*, Antonio Marcos Pereira, Rafael Gutiérrez Giraldo, Diogo de Hollanda...



Coleção Archimboldi

Autor fugidio e enigmático, de obra fascinante, Benno von Archimboldi consome a vida dos críticos que se dedicam a estudar seu trabalho em “A parte dos críticos”, no romance *2666*, de Roberto Bolaño. Seu nome representa para nós uma visão da ficção como arte e força, e sua trajetória como personagem nos oferece um vislumbre dos laços potencialmente misteriosos e complexos entre vida e obra. A Coleção Archimboldi busca promover e divulgar o trabalho de narradores que inventam formas de contar histórias e formas de ser em literatura hoje, lançando mão dos recursos do romance, do conto, das memórias, da autobiografia, da biografia ou do diário.

Títulos publicados

Continuação de ideias diversas

César Aira

Tradução de Joca Wolff

Perla

Roberto Videla

Tradução de Diogo de Hollanda

Próximos lançamentos

Ônibus

Elvio Gandolfo

Tradução de Davidson Diniz

Sobre coisas que aconteceram comigo

Marcelo Matthey

Tradução de Antonio Marcos Pereira e Rafael Gutiérrez

Tudo é grande demais para a pobre medida de nossa pele

Bernardo Brayner



PAPÉIS
SELVAGENS

Formato	16x23cm
Fonte	Open Sans
Papel	Pólen Soft 80g/m2 (miolo) e Supremo 250g/m2 (capa)
Impressão	Gráfica J. Sholna